

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, outubro de 2013, número 70. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

A questão agrária e o feminismo em Sergipe: análise das manifestações no Dia Internacional da Mulher (2010 – 2013)

ARTIGO DO MÊS

O direito ao território tradicional Guarani-Kaiowá em Mato Grosso do Sul: in-segurança, biopolítica e estado de exceção

www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php

EVENTOS

X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE

UNICAMP/Campinas – São Paulo, 07 a 10 de outubro de 2013

II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo

IV Jornada de Educação Especial no Campo

UFSCAR/São Carlos – São Paulo, 15 a 18 de outubro de 2013

III Seminário de Práticas de Educação do Campo no Vale do Mamanguape - SECAMPO

UFPB/Mamanguape – Paraíba, 29 a 31 de outubro de 2013

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



10 Anos de Governos Pós-Neoliberais no Brasil: Lula e Dilma.

Org.: Emir Sader.

Os textos objetivam contribuir para a reflexão e a atualização da prática política necessária à superação definitiva do neoliberalismo. Uma prática política sem consciência dos itinerários já percorridos permite que os riscos da perda de horizontes estratégicos se efetivem.

Para baixar:

http://www.flacso.org.br/dez_anos_governos_pos_neoliberais/archivos/10_ANOS_GOVERNO_S.pdf .



Chapada do Apodi, morte e vida.

Direção: Tiago Carvalho.

Em 1989, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) implementou um projeto de irrigação no lado cearense. A área foi ocupada por grandes empresas de fruticultura, desarticulando a produção de milhares de pequenos agricultores. Em 2013, um projeto semelhante está prestes a chegar ao lado potiguar da chapada, ameaçando 6 mil agricultores familiares.

Para ver:

https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=URuDn3CbkaE.



PodCast Unesp – Pod Territorial

Autores: Vários

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para ouvir/baixar:

<http://podcast.unesp.br/>.

APOIO

Edição: Danilo V. Pereira, Ananda R. F. de Souza (bolsista PIBIC) e Rafael de O. C. Santos (bolsista CAPES).

Revisão: Tiago E. A. Cubas, Leandro N. Ribeiro, Ana Lúcia Teixeira (bolsista ATP/CNPq), Karin G. S. M. de Souza (bolsista PIBIT/CNPq), Hugo A. Alves (bolsista PROEX), Hellen C. C. Garrido (bolsista AUIP/PAEDEX), Helen C. G. M. da Silva (bolsista CNPQ) e Rodrigo S. Camacho (bolsista FAPESP). Coordenação: Juliana Grasiéli Bueno Mota (bolsista FAPESP) e Valmir José de Oliveira Valério.

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

**A QUESTÃO AGRÁRIA E O FEMINISMO EM SERGIPE:
ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER (2010 – 2013)**

Laiany Rose Souza Santos

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Pesquisadora do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR)
laiany.santos@gmail.com

Rayane Mara Batista

Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Pesquisadora do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR)
rayane.mara.geo@gmail.com

Eraldo da Silva Ramos Filho

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da UFS
Coordenador do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR)
Coordenador do DATALUTA Sergipe
eramosfilho@gmail.com

INTRODUÇÃO

A história deve ser compreendida como processo em que a natureza e os homens são indissociáveis. Nesse processo histórico destaca-se nesse estudo o sistema capitalista, o qual tem um passado recente, e está posto sobre o pilar da ideologia, que ofusca a realidade social. Através das distorções e ocultamento, os homens (da classe dominante burguesa) legitimam as condições sociais de exploração e de dominação. E as fazem parecer verdadeiras e justas.

Esse processo histórico é sustentado pelo Estado, pensado por homens e para homens. Acentuando as diferenças do sexo como uma forma de discriminação, legitima e dissemina através dos aparelhos ideológicos uma lógica que oprime e exclui a mulher, que apresenta a condição social como algo determinante e a questão agrária como um problema insolúvel.

Considera-se os meios de comunicação com um dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)¹, que além de funcionar pela ideologia, funciona também com formas de violência através das seleções, exclusões e até mesmo a censura. Os meios de comunicação, principalmente as mídias de massa, funcionam como instrumentos muito eficientes para impor padrões, formar opiniões, distorcer a realidade e alienar o povo.

O Banco de Dados da Luta pela Terra (DATALUTA) Sergipe, implantado em 2010, tem como preocupação central coletar, sistematizar e disponibilizar informações sobre os diferentes processos de territorialização e territorialidades em construção pelo agronegócio e campesinato no estado de Sergipe.

Segundo Batista et al. (2012), o DATALUTA já se constitui como um amplo acervo que preserva a memória da questão agrária brasileira e destaca-se pela relevância para a nossa sociedade, pois seus registros constituem-se em um potencial referencial quantitativo e qualitativo para a leitura da realidade em diferentes escalas dos fenômenos. O acompanhamento dos registros nos jornais locais sobre os eventos da questão agrária, em diferentes anos, nos possibilita realizar análises comparativas da conjuntura agrária, sobre a atuação das corporações da informação e comunicação frente aos processos políticos e sociais e

¹ Considerando desde a perspectiva de Althusser em que os Aparelhos do Estado (AE) agem pela ideologia, embora o método de ação seja através da violência, assim como os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) funcionam pela ideologia, mas também com formas de violência através das punições, sanções, seleções, exclusões e até mesmo a censura.

desvelar os meandros da produção de sentido sobre a luta pela terra.

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir deste acervo, as manifestações realizadas pelas trabalhadoras e trabalhadores sem terra, na cidade de Aracaju, particularmente nos atos políticos referentes ao Dia Internacional da Mulher, noticiadas pelo *Jornal da Cidade* em março de 2010, 2011, 2012 e 2013. Pretende-se analisar a questão agrária e a luta feminista, como essas são apresentadas no discurso da mídia impressa à luz do conceito de espaço de socialização política. Buscamos também analisar comparativamente os protestos realizados, as permanências e mudanças nas configurações espaciais, o dimensionamento de espaços e as pautas de reivindicação.

A EXCLUSÃO DO TRABALHO FEMININO PARA MAIOR EXPLORAÇÃO

A sociedade de classes utilizou-se de fatores naturais como mecanismos para desvirtuar as tensões sociais criadas pelo modo capitalista de produção, impulsionando e condicionando assim a conservação da estrutura da sociedade de classe. Ao perpetuar a distorção dos fatores biológicos,

[...] condiciona a maneira como as pessoas experimentam o mundo, como interagem com os outros e quais oportunidades ou privilégios são oferecidos e negados. Neste sentido, um dos elementos fundamentais das relações de gênero é a maneira como se concretizam as relações de poder (GARCÍA, 2004, p. 35).

Na sociedade capitalista existem múltiplas relações de poder que se diferenciam de acordo com a classe social e também com o gênero. É necessário compreender então de que forma essas relações se projetam no espaço para uma análise territorial das diferentes experimentações de mundo, uma vez que o mesmo território é vivido por homens e mulheres de formas diferentes.

O Estado, através da ideologia, constrói a idéia da mulher vista como frágil e incapaz. Dessa forma a ela é negado o direito da individualidade, necessitando sempre da tutela de um homem para conseguir realização pessoal. Para Campos,

Esse é um fator que adquiriu *status* de 'natural', por isso se manteve mesmo com o desenvolvimento do capitalismo, que revolucionou tão profundamente a estrutura e a superestrutura das formações sociais anteriores (2011, p.29).

Esse destino, construído pela ideologia, priva a mulher do direito a liberdade, apesar de que, segundo Rocha (2010, p. 21): “a reprodução e a manutenção da vida dos indivíduos, assim como as relações sociais que os mesmos estabelecem, são tão importantes quanto às relações de produção”. Dessa forma, a autora supracitada continua afirmando que “a história de submissão da mulher começa quando ela é afastada da produção social” (ROCHA, 2010, p. 21), fazendo da mulher um elemento que pertence ao homem e serve para consolidar o sistema do capital, uma vez que essa condição assegura a propriedade privada.

Essa ideologia pressupõe também um papel opressor ao homem, o de ser forte, supridor e soberano do lar. Para isso, ele necessita da propriedade para ter um lar e do trabalho na esfera produtiva. Ele deve ser capaz de sozinho responder as necessidades da família e ao não ter a propriedade ou quando o valor pago por sua força de trabalho é insuficiente para esta tarefa primordial do homem, ele sente-se humilhado diante do sistema.

Para Engels (1997, p. 79), “a desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher”. Quando o trabalho doméstico deixa de ser social e passa a ser trabalho privado, a mulher se torna criada deste sem fazer parte da produção social. Segundo o mesmo autor, a alternativa de libertação da opressão da mulher é a transformação do trabalho doméstico como processo social.

Na exclusão da mulher da esfera produtiva, abre-se um preceito ao capital para o pagamento de salários mais baixos ao trabalhador, entretanto, se o trabalho doméstico cotidiano fosse remunerado, a classe trabalhadora reivindicaria melhores condições de trabalho e salários e, também, da garantia como o acesso à creche pública, gratuita e de qualidade. Nota-se que não são pautas específicas, uma vez que afetam o conjunto da sociedade.

Observa-se que o trabalho doméstico, da forma como é imposto como papel da mulher, leva à opressão e a múltiplas jornadas de trabalho. Nesse estudo protagonizam dois grupos de mulheres: as mulheres da cidade, da classe trabalhadora e, portanto, em sua maioria assalariadas e as mulheres camponesas que estão submetidas a uma lógica de produção não-capitalista. A todas estão atribuídas o trabalho doméstico, entretanto às mulheres camponesas o jugo dessa lógica capitalista da esfera de produção e reprodução afeta duplamente.

OITO DE MARÇO: DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Para González (2010) há uma grande mistificação em relação à construção do Dia Internacional da Mulher, como a história de que 120 operárias foram mortas numa fábrica em Nova York pelo dono da própria empresa no dia 8 de março. Entretanto, a história se baseia numa série de fatos que culminaram na construção desse dia, sendo relevante destacar que a data fixada no dia 8 de março ocorreu após a Revolução Russa.

Essa mistificação está relacionada a dois acontecimentos importantes: a greve nos Estados Unidos, conhecida como o “Levante das 20 mil”, que foi realizada por trabalhadoras do setor têxtil exigindo melhores condições de trabalho e ao incêndio em uma fábrica têxtil que ocasionou a morte de 120 mulheres que trabalhavam em péssimas condições. Esses eventos não ocorreram no mesmo ano, entretanto foram fundamentais para maiores questionamentos acerca da mulher trabalhadora na sociedade.

O Dia Internacional da Mulher carrega relevante significado histórico na luta feminista e se desenvolveu na Europa entre o século XIX e XX tendo como base ideológica as teorias socialistas da segunda metade do século. Segundo Nye,

[...] o marxismo oferecia uma alternativa aos ideais democráticos aparentemente fracassados, um novo modo de conceituar as causas profundas do sexismo e, o que é mais importante, novas estratégias para a mudança (1995, p. 55).

Emma Goldman, Alexandra Kolontai e Clara Zetkin foram algumas das mulheres que apontaram perspectivas através do marxismo. Nos estudos de Nye sobre essas mulheres, afirma que Zetkin acreditava que “Marx não só dava respostas específicas como também os meios de situar a luta das mulheres na história, à luz de relações sociais gerais” (NYE, 1995, p. 49). Através dessa visão era possível perceber que o papel da mulher não é imutável e transita de modo a adequar-se à sociedade.

O Dia Internacional da Mulher nasceu para reivindicar o direito ao voto para o sexo feminino, mas Disponível em www.fct.unesp.br/nera

passou a significar mais. Prova disso é o fato de que, mesmo tendo sido alcançadas as demandas iniciais, a data continua sendo comemorada na atualidade (GONZÁLEZ, 2010). A data lembrava o 8 de março de 1917, quando as mulheres russas fizeram uma grande greve que desencadeou a Revolução Russa. Segundo González (2010, p. 138), “o motivo da escolha do dia 8 de março para comemorar o Dia Internacional da Mulher, tradição ainda conservada, foi a lembrança do papel desempenhado pelas mulheres russas no início do processo revolucionário”.

Kollontai via que o Dia Internacional das Mulheres tinha uma conexão inquebrantável com o movimento de mulheres proletárias, não se tratando de uma celebração de todas as mulheres, mas somente as da classe trabalhadora (GONZÁLEZ, 2010), como pode ser visto ainda hoje nas ações do Dia Internacional da Mulher, em que as pautas são referentes às mulheres da classe trabalhadora, sendo esse dia distorcido pela mídia como uma comemoração de todas as mulheres e exaltação aos papéis sociais da feminilidade e maternidade.

DATALUTA E O DIA INTERNACIONAL DA MULHER EM SERGIPE

O Dia Internacional da Mulher é uma data de relevância na luta feminista, reafirmado todos os anos diante das ações dos movimentos sociais rurais e urbanos, sendo importante espaço político de reivindicações, denúncias e contestações. Através do DATALUTA Sergipe pretende-se analisar a questão agrária e a luta feminista, como estas são apresentadas no discurso da mídia impressa, especificamente no Dia Internacional da Mulher, no período de 2010-2013.

No ano de 2010, *O Jornal da Cidade* noticiou três manifestações. Duas delas - um acampamento e o ato de doação de sangue - foram realizadas pelas mulheres camponesas do MST; a terceira – uma marcha – foi realizada por mulheres de diversas profissões, principalmente, trabalhadoras da cidade. No ano de 2011, foi registrada apenas uma manifestação – um acampamento – realizada pelas militantes do MST. Em 2012, noticiou-se apenas uma – uma marcha – que contou com adesão das mulheres do campo e da cidade. Por fim, no ano de 2013, o jornal noticiou duas manifestações: um acampamento das mulheres sem-terra e uma marcha com as mulheres da cidade. Comparando as ocorrências do mês de março dos anos citados anteriormente, inferimos que as manifestações, embora sejam de tipos diferentes (acampamento, solidariedade, marcha e ocupação), foram todas mobilizações motivadas pelo Dia Internacional da Mulher.

Sobre as notícias de manifestações de 2010, a primeira, ocorrida no dia 08, intitulada “CUT faz marcha por mais igualdade”, que fez parte de uma programação nacional para marcar o Dia Internacional da Mulher, noticia a caminhada realizada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), com a participação de 37 categorias profissionais. A marcha contou com a participação de mulheres de diversos municípios do Estado e de acordo com o jornal (Figura 1), seu principal objetivo foi a ampliação do leque de conquistas, reduzindo as discriminações que ainda existem.



Figura1 - Reportagem sobre a marcha organizada pela CUT

Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade. Aracaju, 9 de março de 2010. Cidades, B-2.*

A segunda manifestação (Figura 2) registrada ocorreu no dia 11 e foi intitulada: “Mulheres doam sangue”. A matéria informou que um grupo de mulheres sem-terra de vários acampamentos e assentamentos reuniram-se em Aracaju para fazer doação de sangue e de leite materno, dando continuidade às manifestações relacionadas ao Dia Internacional da Mulher. A notícia exaltou os benefícios dessa ação para a população de forma geral.

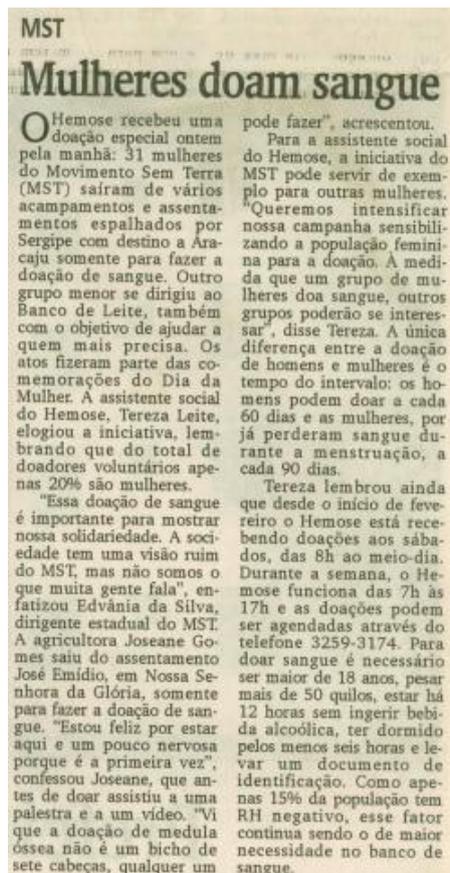


Figura 2 - Reportagem sobre a marcha organizada pela CUT

Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade. Aracaju, 12 de março de 2010. Cidades, B-2*

Por fim, a última manifestação registrada no ano de 2010 (Figura 3), foi um acampamento, cujo título era “Filha de Che Guevara vem a SE [Sergipe] inaugurar um posto de saúde”. A notícia comenta sobre a visita de Aleida Guevara às mulheres e crianças acampadas na Praça Ranulfo Prata. Na reportagem, a filha de Che afirma que em Cuba o povo é em sua grande maioria camponês. A matéria destaca ainda a inauguração de um posto de saúde com o nome de *Che Guevara* e a agenda de Aleida ao longo da estadia no Brasil.



Figura 3 - Reportagem sobre acampamento
 Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade*. Aracaju, 13 de março de 2010. Cidades, B-2

No ano de 2011, detectou-se uma matéria sobre a manifestação do dia 2 intitulada: “MST – Mulheres encerram acampamento hoje” (Figura 4), que noticiava sobre a estadia de mulheres em um acampamento na Praça da Bandeira, centro de Aracaju, como parte da programação de protestos do Dia Internacional da Mulher, destacando o envolvimento da mulher camponesa em questões políticas, reivindicações pela reforma agrária e o desenvolvimento territorial rural.



Figura 4 - Reportagem sobre o acampamento das mulheres

Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade. Aracaju, 3 de março de 2011. Cidades, B-1.*

A reportagem do *Jornal da Cidade* destaca ainda o cumprimento da agenda de audiências do grupo naquele período, com autoridades do Estado. É destaque também, na reportagem, a estrutura do acampamento e problemas relacionados à falta de água no novo local escolhido – a Praça da Bandeira.

A importância da ação de acampar em praça pública é de denunciar e chamar a atenção da sociedade para o espaço que tem sido direcionado à mulher, nesse caso a camponesa, que levanta principalmente a pauta da reforma agrária e da produção alimentar, mostrando que estas são coletivas, uma vez que mesmo sendo construído para o homem o papel de provedor da família, a alimentação é uma cobrança que recai sobre a mulher.

Portanto, recai sobre a mulher ser a responsável e provedora do alimento para família, o que a faz sentir-se frustrada, culpada e incapaz quando não tem como alimentar os filhos, o que é mais uma contradição do sistema capitalista. Como afirma Aguinara (2010, p. 104),

[...] otro conflicto latente y también provocado por la cultura machista, ha sido la guerra por naturalizar a las mujeres como responsables, ya no solo de la preparación de alimentos y del trabajo doméstico; sino además proveedoras de la subsistencia de la familia. Esto genera una contradicción profunda y pone sobre las espaldas de las mujeres más trabajo a la hora de hablar de acceso a un alimento digno.

É uma das contradições do sistema capitalista, pois ao passo que exclui a mulher, justifica suas atribuições nos papéis socialmente construídos e as fazem sentirem-se impotentes quando não há

possibilidade de cumpri-las. Entende-se isso como um processo de violência contra a mulher, ainda que mascarada pela ideologia.

Em março de 2012, o DATALUTA Sergipe registrou uma manifestação no *Jornal da Cidade* intitulada: “8 de Março – Mulheres realizam caminhada pela paz” (Figura 5), que informa o acontecimento de um evento organizado por diversas entidades de luta social para marcar o Dia Internacional da Mulher, para questões ligadas, principalmente, ao cumprimento da Lei Maria da Penha e ao repúdio à violência contra a mulher. A matéria destaca o percurso da caminhada, saindo da Praça Santa Izabel com destino a Praça Fausto Cardoso, que são praças situadas no centro da cidade e que tem relevância no contexto das espacializações das lutas. Portanto este percurso desperta atenção dos setores políticos que se concentram neste espaço e convida a classe trabalhadora a participar das reivindicações.



Figura 5 - Reportagem sobre caminhada pela paz das mulheres

Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade*. Aracaju, 9 de março de 2012. *Cidades*, B-1.

No dia 8 de março de 2013, registraram-se 2 manifestações no *Jornal da Cidade*. A primeira foi intitulada: “Trabalhadoras Rurais ocupam sede do INCRA” (Figura 6). Na matéria é informado que cerca de 600 mulheres camponesas ocuparam a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em decorrência da Jornada Nacional de Luta pelo Dia Internacional da Mulher e entregaram pautas com reivindicações dos assentamentos do estado.

Trabalhadoras rurais ocupam sede do Incra

Na tarde de ontem, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) foi ocupado por 600 Mulheres do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a mobilização faz parte da Jornada Nacional de Luta pelo Dia Internacional da Mulher. O tema deste ano foi "Mulheres camponesas na luta contra o capital e pela soberania dos povos". Na mobilização, as mulheres entregaram pautas com demandas de reivindicações dos assentamentos de Sergipe ao Incra.

De acordo com o MST, a classe feminina reivindica a desapropriação das áreas ocupadas pelas famílias Sem Terra no estado. Além da redistribuição das terras, as mulheres cobram do Incra melhorias na infraestrutura dos assentamentos, como a construção de casas, abastecimento de água, luz, e créditos para desenvolver as atividades produtivas das mulheres.

De acordo com o superintendente Regional do Incra em Sergipe, Leonardo Góes Silva, esta mobilização no Dia Internacional da Mulher já era esperada, e, por isso, o Incra fará de tudo para dar celeridade a pauta de reivindicação. "o Governo já tem uma pauta voltada para o público feminino. O Incra já se preparava para receber estas reivindicações, e, por isso, pretendemos dar celeridade no

processo da Reforma Agrária e na agilização da liberação de créditos para a mulher", comentou o superintendente do Incra.

Ainda de acordo com Leonardo Góes, as reivindicações são justas, muitas delas visam principalmente a geração de renda da classe feminina. "O Incra já tem um programa voltado especialmente para as mulheres, o 'Apoio Mulher', que visa promover a inserção e a participação das mulheres na dinâmica produtiva e econômica, bem como contribuir para a igualdade de gênero no meio rural", reforçou Góes.

Figura 6 - Reportagem sobre ocupação das mulheres

Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade. Aracaju, 9 de março de 2013. Cidades, B-1.*

Embora, nesse artigo, não seja nosso foco discutir a diagramação, disposição e estética do jornal, nessa reportagem, especificamente, fica clara uma associação negativa do ato - que tem como objetivo reivindicar direitos e melhorias para as mulheres camponesas – com situações negativas, a exemplo, a morte por eletrocutamento, que foi representada em uma propaganda no meio da reportagem, ocupando bastante espaço. Evidencia-se nesta notícia que, embora o jornal tenha utilizado corretamente o conceito de ocupação, na diagramação do periódico associam este ato de luta popular com cercas elétricas (que na atualidade são símbolos da securitização da propriedade privada do solo), símbolos de perigo, situações de risco e medo. Verifica-se a intencionalidade em deslegitimar as ações realizadas pelos movimentos socioterritoriais.

A segunda manifestação, com o título: “Dia da Mulher é marcado por caminhada e palestras” (Figura 7), informa que houve participação de cerca de 200 mulheres – de diversos sindicatos, associações e setores públicos. A matéria afirma ainda, que as mulheres entregaram uma pauta de reivindicações focada principalmente no fim da violência doméstica.



Figura 7 - Reportagem sobre o ato das mulheres
 Fonte: DATALUTA, 2013 - *Jornal da Cidade. Aracaju, 9 de março de 2013. Política, A-4.*

Em seguida, apresenta-se o Quadro 1, contendo uma síntese a respeito das manifestações do Dia Internacional da Mulher pelos movimentos de 2000 a 2013. Analisando o Quadro, percebe-se que houve variação nos tipos das manifestações de um ano para outro e também na relação entre campo/cidade.

Quadro 1 - Síntese das manifestações das mulheres - 2010 - 2013

| Data da Ocorrência | Tipo | Nome/Sigla das Organizações | Nº de participantes | Observações |
|--------------------|---------------|--------------------------------------------------------------------------|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08/03/2010 | Marcha | CUT, MST, trabalhadoras rurais, profissionais de diversas áreas. | N.I. | Ampliação das conquistas das mulheres, reduzindo a discriminação. |
| 08/03/2010 | Acampamento | MST | 500 | N.I. |
| 11/03/2010 | Solidariedade | MST | 31 | Luta por uma agricultura familiar sustentável, mais saudável, que trabalhe com produtos orgânicos. |
| 02/03/2011 | Acampamento | MST | 500 | Reivindicou acesso, participação e controle da mulher camponesa nas políticas de desenvolvimento. |
| 08/03/2012 | Marcha | FETASE, CTB, UBM, Levante Popular da Juventude, Sindicato dos bancários. | 1000 | Denunciar os casos alarmantes de exploração e violência que ocorre com as mulheres de Sergipe, paz a sociedade e maior compromisso dos poderes. |
| 08/08/2013 | Marcha | Diversas associações, sindicatos, setor público. | 200 | Teve como objetivo entregar na assembléia legislativa e câmara municipal, pauta de reivindicações. A principal reivindicação é o fim da violência doméstica. |
| 08/08/2013 | Acampamento | MST | 600 | A mobilização faz parte da Jornada Nacional de Luta pelo Dia Internacional da Mulher. As reivindicações foram: desapropriação das áreas ocupadas pelas famílias, redistribuição das terras e melhorias na infraestrutura dos assentamentos. |

Fonte: DATALUTA Jornal Sergipe, 2013 – Org.: Rayane Mara Batista, 2013.

Disponível em www.fct.unesp.br/nera

Em 2010, percebemos uma ação mais incisiva das mulheres camponesas, que se manifestaram de formas diferentes. Nas duas reportagens sobre os atos, notamos que a pauta é pouco comentada nas notícias, destacando pontos que desvirtuam o real sentido da manifestação, como por exemplo, a infraestrutura do acampamento.

No ano de 2012, registrou-se apenas uma manifestação das mulheres, que englobou campo e cidade, o que é percebido através da adesão de diversos movimentos sociais rurais e urbanos como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe (FETASE), a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), o Sindicato dos Bancários, o Levante Popular da Juventude e a União Brasileira das Mulheres, sendo que nessa ação de caráter conjunto entre campo e cidade, houve o maior número de participantes dos anos estudados: 1.000 pessoas.

Em toda a série histórica houve manifestações com o temário “mulher” distintas entre campo e cidade, com o intuito de demarcar as pautas específicas dos respectivos movimentos. Quando comparamos os anos de 2011 e 2012, verifica-se maior notoriedade da manifestação de 2012 em decorrência do estreitamento das relações campo e cidade e maior diversidade de movimentos sociais. Já no ano de 2011, foi marcante a presença de representantes do poder público na manifestação, inclusive por meio de audiências com as integrantes do MST, cuja participação não foi noticiada na manifestação de 2012.

Fazendo uma análise comparativa das manifestações citadas, as reportagens de 2010, relacionadas às manifestações do campo, deram ênfase às ações que beneficiaram a população – inauguração do posto de saúde e doação de sangue e leite – e subtraíram a importância das pautas. Na reportagem sobre o acampamento realizado pelas mulheres, só sabemos que o mesmo ocorreu porque Aleida Guevara o visitou, enquanto que o motivo pelo qual o mesmo ocorreu e as reivindicações feitas nem foram citadas na matéria.

A notícia de 2011 deu maior ênfase à estrutura do acampamento e apenas cita as audiências públicas realizadas entre os manifestantes e as autoridades de Estado, sem dar maiores informações quanto aos resultados das mesmas. Em 2012, na edição do *Jornal da Cidade* que antecedeu à marcha (dia 08/03/2012) foi publicada nota divulgando o ato vindouro, bem como detalhamento sobre a pauta de reivindicações e organizações sociais integrantes, que incluía temas do campo e da cidade, direitos sociais e questão de gênero. Foram registradas 21 organizações sociais, entre movimentos socioterritoriais do campo e da cidade e partidos de esquerda.

Já as reportagens coletadas para as manifestações do ano de 2013, variaram muito no foco. A primeira, sobre a ocupação das mulheres no Incra, deu bastante ‘voz’ ao superintendente do órgão, para fazer ‘propaganda’ das políticas públicas direcionadas às mulheres do campo. Já a segunda, sobre a marcha e as palestras ocorridas no centro da cidade, deu bastante foco à violência contra a mulher, como se esse fosse o único tema da pauta.

No que concerne aos objetivos das manifestações, a comparação entre as notícias revelou uma mudança de enfoque. Em 2010 tivemos uma pauta que reivindicava uma agricultura sustentável que trabalhasse com produtos orgânicos. Em 2011, o MST reivindicou o acesso, a participação e o controle da mulher camponesa nas políticas públicas de desenvolvimento, enquanto que em 2012, a marcha intitulada “Caminhada pela Paz”, destacou a violência contra a mulher, pondo em relevância o cumprimento da Lei Maria da Penha. Já para o ano de 2013, percebe-se que as pautas dos anos citados anteriormente

repetiram, porém de forma separada: a questão da violência contra mulher, sendo a pauta principal da manifestação construída coletivamente entre movimentos e a pauta da permanência na terra (crédito para mulher etc.) como principal pelas mulheres do MST.

A mídia impressa, especificamente o *Jornal da Cidade*, utilizou o Dia Internacional da Mulher para produção de sentido da data para a sociedade. Nota-se que as reivindicações de modo geral, quando ligadas às manifestações da cidade, são associadas à violência contra a mulher e quando são relacionadas aos movimentos do campo, as pautas são citadas de forma mínima em um discurso vazio, o qual focaliza temas tangenciais e periféricos.

Percebe-se também o discurso de exaltação da feminilidade. O ato da doação de leite das mulheres camponesas tinha como objetivo apoiar uma alimentação mais saudável e longe de agrotóxicos, porém a notícia focou basicamente a doação como um ato de solidariedade, benéfico para as crianças que não podem ser amamentadas.

Todas as manifestações registradas foram de atos na capital, apesar do Dia Internacional da Mulher ter tido outras manifestações no estado de Sergipe. Acredita-se que isso ocorre porque é na capital que estão concentradas todas as esferas dos poderes políticos e também porque há uma maior possibilidade de visibilidade para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das manifestações do Dia Internacional da Mulher em Sergipe, compreende-se que o movimento feminista é um movimento social que luta pela equidade de gênero como principal pauta e se espacializa diante das manifestações realizadas. Entretanto, as mulheres camponesas constroem um movimento socioterritorial, pois além da pauta citada, apontam a reforma agrária e a permanência na terra como fatores importantes.

Fica evidente também que as manifestações têm um caráter de classe, ou seja, das trabalhadoras e camponesas, que afirmam o 8 de março como dia de luta, contradizendo a ideologia que apresenta a mulher como figura obstrutora do desenvolvimento social, a fim de manter a exclusão da mulher e colocar obstáculos para sua realização. Assim, nas manifestações, as mulheres desconstruem a ideologia que sempre buscou desvirtuar a luta feminista como a luta das “minorias” e ao mesmo tempo utilizar da luta das mulheres para desvirtuar a luta de classe.

Nas notícias veiculadas pelo *Jornal de Cidade* não há aproximação com a real organização das mulheres, deixando de destacar movimentos que participaram de algumas manifestações ou subsumir as pautas das ações, focando de forma distorcida a pauta que julgam ser a principal. Entretanto, as ações das mulheres trazem à recordação um momento revolucionário, assim como mostram as contradições da sociedade de classe e gênero.

REFERÊNCIAS

AGUINARA, Margarita. Aportes feministas acerca de la soberanía alimentaria. In: ACOSTA, Alberto; MARTÍNEZ, Esperanza (org.). **Soberanías**. Quito: AbyaYala, , 2010. p. 91 – 105.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado**. 3º Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1985.

BATISTA, Rayane Mara; PEREIRA, Raphaela Andrade; DE PAULO, Tereza Raquel Muiz. **A mídia impressa e a questão agrária sergipana: contribuições do DATALUTA para uma análise comparativa das manifestações**. Belo Horizonte, ENG, 2012. Digital

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil - o caso de Cruz Alta/RS**. 1.ed.Buenos Aires: CLACSO, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GARCÍA, Maria Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. 21 de setembro de 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2004. Digital.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. 1. Ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROCHA, Ana. O significado do trabalho e a emancipação da mulher. **Revista Matria**. Brasília, 8 de março de 2010, 2010, p. 15-20.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.